

DIOCESE DE IGUATU
- URGÊNCIA ANIMAÇÃO BÍBLICA -

ROTEIROS PARA LEITURA ORANTE DA PALAVRA DE DEUS
JULHO

Estrutura:

1. Antes de tudo, preparar um simples espaço. Que seja acolhedor e orante... Dispor, se possível, de uma velinha que ilumine o grupo...



2. Depois que todo o grupo chegar, quem coordena convida ao silêncio e à oração. Pode ser entoado um refrão meditativo que ajude a entrar em contemplação.

3. Alguém proclama o texto bíblico – **Evangelho** – em voz alta. (Ler o texto da bíblia/jornal, ou ainda do lecionário... não há necessidade de fazer a introdução ou conclusão: "Proclamação do Evangelho; Palavra da Salvação..."). Como costumamos ler em casa.

4. Reservar um tempinho para que cada pessoa do grupo retome, leia e releia, contemple e medite o texto...

5. Após o tempo reservado para a leitura pessoal, as pessoas podem, livremente, partilhar o que brotou da oração. Quem coordena pode concluir o momento com sua partilha.

6. Pode-se, após a partilha, ler um texto que ajude na contemplação e aprofundamento do sentido espiritual do Evangelho. **Nos roteiros a seguir, apresentamos os textos de aprofundamento para cada domingo do mês.**

7. Para a conclusão, um salmo ou algum canto relativo àquele domingo pode ser cantado pelo grupo.

Também colocamos, ao fim de cada roteiro, as músicas indicadas para a Celebração Eucarística ou da Palavra de Deus daquele domingo, de acordo com o Hinário Litúrgico da CNBB, a fim de contribuir com a preparação dominical das comunidades da diocese.

14º Domingo do Tempo Comum – 07/07/2019

Domingo da missão dos discípulos

1. Silêncio... Refrão: Indo e vindo, trevas e luz, tudo é graça, Deus nos conduz!

2. Evangelho – Lucas 10,1-12.17-20

3. Para ampliar a leitura:

“NÃO LEVEM BOLSA, NEM SACOLA, NEM SANDÁLIAS”



Ana Maria Casarotti

A liturgia deste domingo continua a leitura do texto do domingo passado, sobre o evangelho de Lucas. Ao redor de Jesus estão vários discípulos e discípulas e Jesus lhes confia uma importante missão: aquilo que receberam e vivem por estarem junto a Jesus deve ser comunicado! A comunicação da Boa Nova não é para um grupo de pessoas exclusivas, únicas e especialmente escolhidas. Ser missionários do Evangelho é para todos os cristãos e cristãs que recebem esta mensagem, porque a mensagem de Jesus é para todas as pessoas que estão ao nosso lado.

O início do texto diz que Jesus escolhe setenta e dois discípulos e os envia como missionários, para sua presença salvadora no meio do povo. Mas este envio está acompanhado de algumas importantes recomendações para serem tidas em conta por todo missionário em qualquer momento da sua vida e da vida das comunidades. Jesus sabe que os envia “como cordeiros para o meio de lobos”. Mas devem fazê-lo com urgência, com simplicidade e com amor. Lembre-se de que este trecho do evangelho de Lucas situa-se no caminho de Jesus para Jerusalém.

As palavras que Lucas coloca nos lábios de Jesus, “A colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos”, revela o olhar, a atitude que o evangelizador/a deve ter. A missão não começa com eles/as; antes de chegar a qualquer lugar, Deus já está trabalhando no coração desse povo. Ele é o grande semeador, que não só “lança” as sementes do Reino, mas também o mantém com seu amor e graça. Por isso, o evangelista fala que a colheita é grande, mas é necessário ter olhos para descobrir seus frutos.

A seguir disse-lhes: Não levem bolsa, nem sacola, nem sandálias. Estas são três recomendações fundamentais: a bolsa faz referência ao dinheiro, a sacola à alimentação e as sandálias à vestimenta. Desta forma os cristãos são pessoas livres, sem ficar presos e carregados daquilo que no final incomoda, mas que contribui para serem missionários. No momento histórico que o evangelho de Lucas foi escrito, existiam em Roma muitas formas de religião, de espiritualidade, de adoração aos deuses que eram usadas como forma de sustento, para obter dinheiro. Jesus apresenta-lhes com muita clareza que sua mensagem gera liberdade naquele que a comunica e nas pessoas que a recebem. Não é um trabalho, é uma vida que se gesta nas pessoas. Hoje ao nosso redor também há muitas formas de religião, de espiritualidade, que usam a simplicidade e a fé das pessoas para seu próprio bem-estar e para obter benefícios pessoais. Por isso somente pessoas livres são capazes de comunicar realmente a Boa Nova do Reino!

O cristão missionário torna-se testemunha desta proposta de salvação que liberta e que é para todos os homens e mulheres ao longo da história. É uma tarefa que se realiza em comunidade, não é individual. A comunidade toda é testemunho de vida que salva e gera mais vida.

O evangelho narra que os discípulos/as são enviados dois a dois, porque a Bíblia não reconhece significação à afirmação de uma só pessoa! Para ela não há mais testemunho que o comunitário (cfr. Dt 17,6;19,15), ainda que a comunidade fique reduzida a duas pessoas.

A missão é urgente e nada pode freá-la: não parem no caminho. Os/as missionários/as não devem forçar ninguém para que os escutem, mas têm o dever de anunciar a boa nova do Reino, todos/as têm direito a escutar sua proposta de Vida. A mensagem central do Reino de Deus é a paz, no sentido abrangente que esta palavra tem na Bíblia: a harmonia total entre Deus e os seres humanos e dos seres humanos entre si.

Olhamos ao nosso redor. Quanta necessidade de paz tem nosso mundo, nosso país! E o Reino está ali nesse mundo, buscando crescer. Temos olhos para vê-lo? Temos ousadia para colaborar na sua luta pela vida e dignidade de todos/as e tudo? Jesus autorizou, com seu poder, a primeira comunidade a realizar o mesmo que ele fazia. É interessante que Jesus não enviou ninguém para falar sobre ele ou trazer as pessoas para ele, mas disse-lhes que podiam fazer exatamente o que ele fazia, podiam curar um ao outro, compartilhar a sua comida e, por conseguinte, trazer o Reino para o seu meio!

Hoje o Ressuscitado pelo seu Espírito continua no meio de sua comunidade, enviando-a permanentemente para continuar o movimento do Reino de Deus. Viver essa missão é a alegria dos/as discípulos/as, porque podem, em seu agir missionário, contemplar a ação de Deus, agindo em sua pequenez, obrando maravilhas, milagres!

- Podemos perguntar-nos: quais são os milagres que vemos acontecer através da ação de nossa comunidade eclesial, de tantos homens e mulheres cristãos/as ao longo do mundo?

Sugestão de repertório para o 14º Domingo do Tempo Comum:

Abertura: Assim que a tua glória (CD Liturgia VI, faixa 19)

Salmo responsorial: Aclamai o Senhor Deus, ó terra inteira (CD Liturgia XI, faixa 17)

Aclamação: Aleluia, aleluia. O Senhor reconciliou o mundo em Cristo (CD Liturgia XI, faixa 19)

Apresentação das oferendas: A mesa santa que preparamos (CD Liturgia VI, faixa 23)

Comunhão: Setenta e dois escolheu (CD Liturgia XI, faixa 18)

15º Domingo do Tempo Comum – 14/07/2019

Domingo do Bom Samaritano

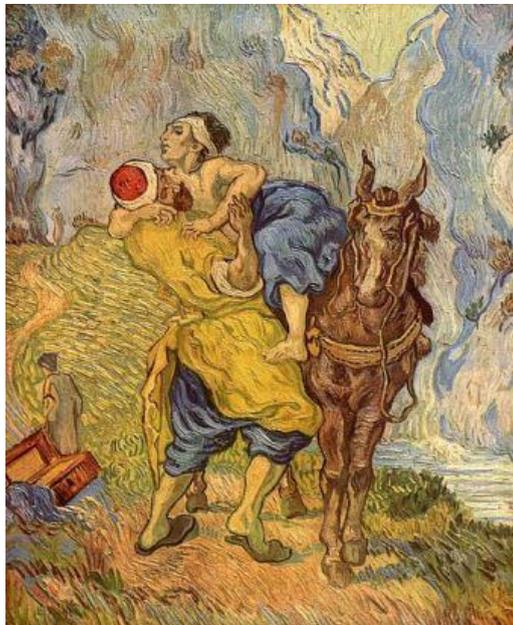
1. Silêncio, refrão: Indo e vindo, trevas e luz, tudo é graça, Deus nos conduz!

2. Evangelho – Lucas 10,25-37

3. Para ampliar a leitura:

A MISERICÓRDIA DESPERTA O "SAMARITANO" EM NOSSO INTERIOR

Tomaz Hughes, SVD



A parábola do "Bom Samaritano" talvez seja, junto com a do "Filho Pródigo", a mais conhecida de todas as parábolas de Jesus. Por isso mesmo corre o risco de ser banalizada, de não ser levada muito a sério, de ser relegada quase ao nível de folclore religioso. Merece uma atenção mais minuciosa.

A parábola situa-se logo após Jesus ter louvado o Pai por ter "escondido essas coisas (as coisas do Reino) aos sábios e inteligentes e revelado aos pequeninos" (cf. Lc 10,21). Realmente, o primeiro a tentar atrapalhar Jesus é um "sábio e inteligente" – um especialista em leis. Lucas salienta que ele fez a pergunta "O que devo fazer para receber em herança a vida eterna" (v. 25), não porque ele se interessasse pela verdade, mas "para tentar Jesus". Devolvendo-lhe a pergunta, Jesus deixa claro que o legista já sabia a resposta: "Ame o Senhor, seu Deus, com todo o seu coração, com toda a sua alma, como toda a sua força e com toda a sua mente; e ao seu próximo como a si mesmo." Jesus simplesmente diz: "Você respondeu certo. Faça isso e viverá" (v.28).

Mas com a petulância típica do pseudo-intelectual, ele insiste, "para se justificar", com uma segunda pergunta: "E quem é o meu próximo?" (v.29). Jesus, porém não cai na cilada de fazer uma discussão teórica e estéril sobre quem seja o próximo – ele logo traz o debate para o nível prático da vivência. Ele conta a parábola do "Bom Samaritano". Vejamos.

Depois do assalto, passou pela vítima um sacerdote que "viu o homem e passou adiante pelo outro lado" (v.31). A mesma coisa aconteceu com um levita. Porque será que esses homens – ligados ao culto judaico – agiram assim? A resposta está nas leis de pureza daquela época. O contato com um defunto, ou com sangue, deixava a pessoa ritualmente impura, isto é, inapta para participar do culto. Como o homem estava coberto de sangue, e talvez morto, os dois não se arriscavam a tocar nele, pois para eles o culto religioso era mais importante do que a misericórdia para com uma pessoa sofrida. Não era, em si, uma atitude somente pessoal de duas pessoas maldosas, mas demonstra uma tentação permanente de pessoas ligadas ao culto e ao mundo tido como "sagrado" – o perigo de viver alienadas do mundo real, onde as pessoas vivem, sofrem, e lutam todos os dias. Também é bom notar que ambos estavam seguindo o mesmo caminho – voltando de Jerusalém, ou seja, voltando do lugar principal do culto. Assim Jesus enfatiza que, embora participassem corretamente do culto, não deixaram que o mesmo tivesse efeito sobre o seu comportamento, pois se fecharam diante do sofrimento do ferido. Culto sem misericórdia é vazio, como bradava Oséias e Amós séculos antes (Os 6,6; Am 5,21-25).

Entra em cena um samaritano. A religião dele era considerada como cheia de deformações e ignorância pelo judaísmo oficial, pois desde a invasão da Assíria em 721 a.C. a prática religiosa do povo samaritano tinha sido contaminada por religiões pagãs (cf. II Rs 17,24-31). Mas quando ele vê o sofrimento alheio, ele não pensa em discussões teológicas sobre pureza, mas parte para uma ajuda prática, com misericórdia.

Terminando a história, Jesus devolve a pergunta ao especialista em leis – mas faz uma mudança fundamental! Não faz a pergunta teórica "quem é o meu próximo", mas uma pergunta prática "quem se fez próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?" A primeira pergunta só levaria a uma discussão vazia; a de Jesus leva a uma mudança de prática vivencial.

Forçado a reconhecer que quem se fez próximo do sofrido era o samaritano, o legista ouviu da boca de Jesus a conclusão: "Vá e faça a mesma coisa" (v. 37).

Com esta parábola, Jesus quer ensinar que nada, nem o culto, têm prioridade sobre a ajuda a uma pessoa necessitada. A religião de Jesus não é teoria, é prática de misericórdia, pois Deus é misericordioso. Como diz o Evangelho de Mateus, baseando-se em Oséias 6,6: "Aprendam, pois, o que significa: 'Eu quero a misericórdia e não o sacrifício'. Por que eu não vim chamar justos, e sim pecadores" (Mt 9,13). O legista

já sabia a orientação da Escritura, mas tentava escapar das suas consequências, criando discussões inúteis. Nós também sabemos o que diz a Bíblia, – não tentemos esvaziá-la com debates estéreis sobre quem é “o pobre”, “o aflito”, “o próximo”, “o bom”. Façamos o que Jesus ensina nesta parábola “e viveremos”.

Sugestão de repertório para o 15º Domingo do Tempo Comum:

Abertura: Canta, meu povo! (CD Festas Litúrgicas 2, faixa 15)

Salmo responsorial: Humildes, vede isso (CD Festas litúrgicas Liturgia XI, faixa 20)

Aclamação: Aleluia... (CD Liturgia XI, faixa 17)

Apresentação das Oferendas: Senhor, meu Deus (CD Liturgia XI, faixa 15)

Comunhão: Samaritano que importa (CD Liturgia XI, faixa 18)

16º Domingo do Tempo Comum - 21/07/2019

Domingo de Marta e Maria

1. Silêncio, refrão: Indo e vindo, trevas e luz, tudo é graça, Deus nos conduz!

2. Evangelho – Lucas 10, 38-42

3. Para ampliar a leitura:

QUANDO AS "COISAS" IMPEDEM A ESCUTA... E O ENCONTRO

Adroaldo Palaoro, sj



Jesus, pobre e sem casa, está sempre a caminho, em busca de uma "casa" verdadeira, de um coração que o escute; até parece que Ele, peregrino que nada teme, viandante sem morada, se deixa convidar por alguém para hospedá-lo, para acolhê-lo em sua casa.

Marta, a irmã de Maria, ao avistá-lo, convida-o para se hospedar, com especial cordialidade, em sua casa. De fato, Jesus não tem casa, não tem onde encostar a cabeça, é pobre, sempre peregrinando... As paredes da casa de Marta e Maria representam um sinal de acolhimento, um lugar onde se realiza a comunhão, a partilha, o encontro, a amizade recíproca. Mas, a plenitude do acolhimento acontece quando se atinge o coração, quando se entra na intimidade, na verdade e na experiência da vida concreta. Ali, e somente ali, Jesus se manifesta, se torna Palavra, Caminho, Verdade, Vida. Ele, a Boa Notícia, se oferece a quem o sabe acolher e escutar. Diante da autenticidade de um coração, Ele pára, entra, se deixa hospedar e revela plenamente a sua pessoa.

Faz-se pobre para enriquecer; oferece a verdadeira hospitalidade às pessoas que o acolhem.

Ao acolherem Jesus, o cotidiano de Marta e Maria se altera por completo; elas precisam modificar os próprios hábitos, os próprios costumes, reordenar as próprias atenções e ocupações. Com o "Senhor" em casa, tudo muda; graças a Ele, tudo deve encontrar uma nova "ordem". Jesus, o peregrino sem casa, está no centro de todas as atenções que uma verdadeira hospitalidade exige. Ele "entra" naquela casa como o último dos peregrinos; mas, para as duas irmãs Ele se torna o primeiro, o único, o centro, em torno do qual se reordenam todas as coisas e as outras ocupações.

A "escuta" e o "serviço", personalizados nas duas irmãs, não são alternativos, mas expressões da única e privilegiada relação com o Mestre. No entanto, Marta e Maria reagem de maneira diferente em relação a essa prioridade. Maria, sentada aos pés de Jesus, põe-se à escuta das suas palavras; Marta, ao invés, fica totalmente tomada pelos afazeres e preocupações. Acolhendo-O e escutando-O, Maria encontra paz, serenidade, tempo, expectativa; Marta, ao contrário, não consegue encontrar a paz, não consegue "pôr ordem": agita-se, preocupa-se, fica insatisfeita, desconcentrada, em contínua ação. Ativismo sem sentido, sem intenção, sem motivação...

Marta se distraía com o ativismo, em seu afã de expressar seu carinho e sua acolhida a Jesus. Jesus, no entanto, não reprova sua atividade, mas sua distração; o seu ativismo a impede de ver a presença do Mestre; fecha-se à rotina e não se abre ao novo. O que Jesus coloca em questão não é o que ela faz, mas como ela faz. Marta não tem mais condições de pôr "ordem" e "sentido" no meio das tantas coisas que gostaria de fazer, na tentativa de oferecer a melhor hospitalidade possível a Jesus. Desta forma, ela se torna incapaz de viver o verdadeiro encontro, não só com Jesus, mas também com a própria irmã, rivalizando-se com ela. Marta chega até a repreender o próprio Jesus, o hóspede de honra, que convidara para hospedar-se em sua casa: "Senhor, não te importa..."

Jesus, com doçura, repreende Marta, ajudando-a a sair da solidão do seu tarefismo. Com a repetição do seu nome, chama-a novamente e a põe em contato consigo mesma; ajuda-a a entrar em si e a olhar para além da atividade, a abrir os olhos do coração para perceber o "sentido" da sua ação - para quê? para quem? Jesus simplesmente a convida a levantar os olhos das suas preocupações rotineiras e a olhar na direção certa. Ela se sente movida a "pôr ordem" dentro de si mesma e ao seu redor; somente saindo do seu pequeno e limitado mundo das "coisas", ela poderia reconhecer a "melhor parte", que ninguém mais lhe poderá tirar.

Chamada pelo nome, Marta torna-se capaz de escutar e de perceber a presença da Verdade que estava à sua frente e que antes não conseguia escutar, encontrar, reconhecer. Verdade que também se faz presente em meio aos afazeres cotidianos. Somente aceitando esse Dom que se hospeda em sua casa, é possível fazer a única escolha certa, sábia: seja na escuta aos pés do Mestre, seja nos serviços caseiros. Aceitar esse Dom significa encontrar a paz, a harmonia, a integração entre a "escuta" e o "serviço"

("escutar servindo e servir escutando").

A integração e harmonia entre as duas atitudes (escuta e serviço), é o caminho proposto pela dinâmica da espiritualidade cristã; ser "contemplativo na ação" ou "ativo na contemplação", eis o equilíbrio difícil. O que Jesus pede a Marta é amá-lo em seu serviço, como Maria o ama em sua atitude de escuta. Tudo o que fazemos sem amor é tempo perdido. Tudo o que fazemos com amor é eternidade reencontrada. De fato, diante das preocupações, da agitação cotidiana, dos apegos, das "afeições desordenadas"... a escuta e o encontro com o Outro e com os outros tornam-se praticamente impossíveis.

Tal situação nos faz prisioneiros da solidão, sentindo-nos abandonados, impotentes, sobrecarregados pelo ativismo vazio e sem sentido... O ativismo produz, a princípio, a sensação de estar muito ocupado e o falso consolo de "sentir-se útil". Mas, de fato, o ativismo converte as pessoas em engrenagens de um sistema massacrante e acaba produzindo-lhes frustração, impotência e vazio, por falta de sentido (para quê? para quem?...)

Esse é o problema do mundo moderno: a agitação e a preocupação se tornam um estilo de vida e acabam controlando nosso ritmo cotidiano, tornando-se fonte inesgotável de ansiedade. Em nosso padrão cultural, somos pressionados a mostrar o tempo todo que estamos ocupados e "produzindo" alguma coisa. Vivemos perdidos numa floresta de compromissos e atividades, incapazes de perceber alguma trilha estreita para poder andar e respirar. Mesmo com tudo que foi inventado para facilitar a vida – celular, internet, e-mail, mensagens instantâneas – parece que não temos tempo para nada.

Há muita inquietação por baixo das águas do cotidiano. Acuados pelo relógio, pelo ativismo, pela agenda, pela opinião alheia, disparamos sem rumo feito hâmmsteres que se alimentam de sua própria agitação.

A contemplação é uma dimensão essencial do ser humano. Um sinal de crescimento de quem está se tornando cada vez mais contemplativo em meio a uma vida ativa é que um simples olhar sobre a realidade desperta sentimentos oceânicos e faz evocar atitudes profundas. A realidade cotidiana parece cheia de significado e atração. Evoca e confirma atitudes fundamentais de entrega e dedicação a Deus e ao seu Reino na vida cotidiana. Em tudo pode-se "tocar" a presença cuidadora e providente do Criador. Daqui brota o desejo de colaborar com Ele, numa missão específica, segundo a capacidade e as circunstâncias de cada um.

Cada dia a pessoa redescobre com os sentidos e inventa com a imaginação um mundo novo, maior e mais bonito que o do dia anterior. E assim é feliz porque, para ela, em cada nova experiência, o mundo torna a começar. Com isso, as pessoas verdadeiramente contemplativas em meio à vida cotidiana, desenvolvem profunda serenidade e paz interior. Elas têm a convicção profunda de que Deus está presente e ativo em todo o mundo; de que em todas as circunstâncias Deus trabalha para o bem de cada um e de todos.

A abertura e a acolhida do Dom, que nos surpreende ao entrar em nossa própria casa, nos arrancará do nosso isolamento, da rivalidade com os outros, das preocupações e agitações vazias. Somos continuamente envolvidos, protegidos, sustentados e animados por uma Presença que "armou sua Tenda entre nós". Nele encontraremos a serenidade, a paz interior, a confiança... tanto na ação como na contemplação. Mais importante do que fazer as coisas, é fazê-las de modo novo. Eis a única "coisa" que importa para viver plenamente.

Sugestão de repertório para o 16º Domingo do Tempo Comum:

Abertura: É Deus quem me abriga (CD Liturgia VI, faixa 19)

Salmo responsorial: Senhor, quem morará em vossa casa? (CD Liturgia XI, faixa 17)

Aclamação: Aleluia, aleluia. A tua Palavra é verdade, verdade falaste (CD Liturgia XI, faixa 19)

Apresentação das oferendas: A mesa santa que preparamos (CD Liturgia VI, faixa 23)

Comunhão: Uma só coisa é preciso, necessário (CD Liturgia XI, faixa 18)

17º Domingo do Tempo Comum – 28/07/2019

Domingo da oração perseverante

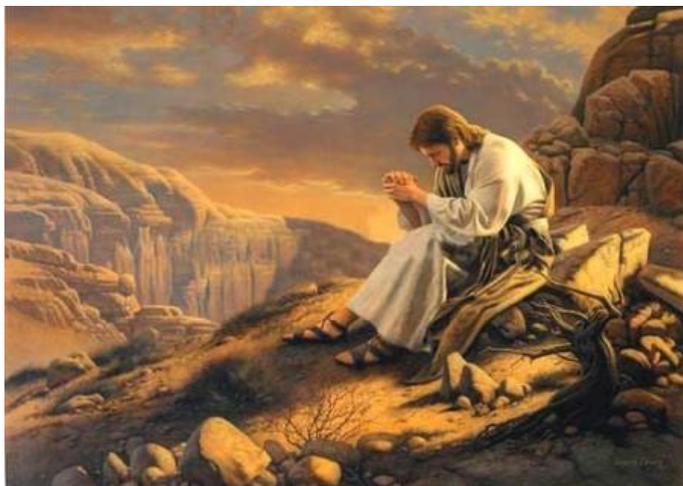
1. Silêncio, refrão: Indo e vindo, trevas e luz, tudo é graça, Deus nos conduz!

2. Evangelho – Lucas 11, 1-13

3. Para ampliar a leitura:

PAI-NOSSO: UM DESEJO QUE É ORAÇÃO, UMA ORAÇÃO QUE É DESEJO

“Um dia, num certo lugar, estava Jesus a orar”



Adroaldo Palaoro, sj

Na convivência com os “escolhidos seus” Jesus foi transparente e presença marcante. Chamou-os para “ficar com Ele”, aprender d’Ele a serem testemunhas de seu Amor incondicional ao Pai e aos irmãos. Entre os inúmeros desejos e aspirações que Jesus suscitou, uma foi a grande aventura de aprender a orar.

Jesus orava. Orava só, orava com a multidão, e orava com os discípulos. Às vezes no templo, outras vezes nas caminhadas da Galiléia a Jerusalém, sempre orava a realidade iluminada pelo Projeto do Pai: mergulho íntimo e comprometedor. S. Lucas nos revela que Jesus estava rezando num lugar solitário, afastado. O Pai-Nosso é oração de intimidade que só

pode brotar do coração de Jesus num diálogo muito pessoal, filial, com o Pai. Não é difícil reviver a cena do Evangelho: Jesus orando e os discípulos contemplando o Mestre em oração

Esta prática do Mestre exercia sobre os discípulos um fascínio e um desejo de entrar por este caminho, totalmente novo. Na espontaneidade de aprendiz, um deles expressou o desejo do grupo e pediu: “Senhor, ensina-nos a orar, como João ensinou a seus discípulos”.

Os discípulos não perturbam a oração de Jesus, nem se aproximam d’Ele. Só quando Ele termina de orar é que alguém toma coragem para dirigir-lhe a palavra e fazer-lhe um pedido. Eles, acostumados a viver com Jesus, sentiam que não sabiam orar, que não conseguiam concentrar-se no amor infinito de Deus, entrar no diálogo silencioso com o Pai, de Quem Jesus tanto lhes falava. É este desejo de conhecer o Pai que anima os discípulos a pedirem para aprender a orar.

“Ensina-nos a orar...”: é um pedido carregado de humildade, de afeto e de simplicidade. Pedir a Jesus que ensine a orar significa descobrir o caminho a fim de sentir Deus como Alguém que ama; ter uma experiência nova do Deus da História. Os discípulos querem descobrir o segredo da confiança e do abandono; querem amar e não ter medo de Deus, já que o encontro de Jesus com o Pai comunica paz, tranquilidade, entrega...

Os discípulos querem que Jesus rompa o véu de sua intimidade com o Pai e que lhes diga o que Ele dizia ao Pai em seus longos silêncios, em suas noites passadas na intimidade do mistério de Deus, sem sentir o cansaço de um dia de trabalho e de luta. Aprender a orar, para eles, não significava técnicas ou métodos, mas ouvir a experiência de Jesus orante. “...como João ensinou a seus discípulos”: no tempo de Jesus, os diversos grupos se distinguiam segundo suas formas e normas particulares de oração. A oração tinha a função de uma espécie de “credo” que conferia unidade e identidade ao grupo. Os discípulos pedem a Jesus uma oração que será o seu sinal distintivo, porque ela exprimirá seus mais ardentes desejos.

O pedido “ensina-nos a orar” equivale a dizer: “dê-nos o resumo de tua mensagem!”. Com efeito, o Pai-Nosso é a mais clara e mais expressiva síntese que temos da mensagem de Jesus. Ao rezar o Pai-Nosso vamos percebendo que Jesus transforma todas as nossas questões em desejos e nossos desejos em oração. Tudo está dito nesta oração, mas tudo resta a viver. E realizar todos estes desejos que exprime o Pai-Nosso é nos tornar o que somos, é nos tornar realmente humanos e realmente divinos. É tornarmo-nos os filhos de Deus que somos.

A oração do Pai-Nosso integra os extremos: é singela e complexa, calma e incendiária, inofensiva e desafiadora. Jamais palavras tão simples tiveram tanta profundidade. Jamais um texto tão pequeno foi tão revolucionário. Essa oração é dirigida a todo ser humano, de qualquer raça, cultura, religião, mas em especial aos que tem coragem para se esvaziar e se tornar eternos aprendizes, aos que procuram a serenidade e a mansidão, aos que tem sede e fome de justiça, aos que querem construir uma nova sociedade.

Nessa oração, nenhum ser humano foi excluído, nenhum errante foi rejeitado, nenhum sacrifício foi pedido, nenhum dogma proclamado, nenhuma lei estabelecida. A oração do Pai-nosso implode temores e provoca amores. Ela é instigadora e provocativa, que nos liberta do cárcere da rotina, resgata-nos do entorpecimento e nos dá um choque de lucidez: a consciência de que somos conduzidos por uma presença amorosa e cuidadora.

Não se pode rezar de qualquer jeito e com qualquer disposição a oração que o Senhor nos ensinou. O Pai-Nosso não é uma fórmula a ser decorada, mas um projeto de vida cujas atitudes levam a uma assimilação progressiva da filiação e da fraternidade.

Jesus ensinava com a vida uma nova maneira de comunicar-se com o Pai. O novo está justamente no modo como as pessoas se relacionam com Deus: "Quando orardes, dizei: Pai!" Os seguidores de Jesus entram em diálogo com Deus chamando-o "Abba, Pai!". É uma relação nova e inédita. É o Espírito Santo quem põe nos lábios do cristão a invocação que só Jesus tinha usado em sua oração. Ou, mais exatamente, é o Espírito Santo que reza no cristão com as mesmas palavras de Jesus (Gal. 4,6).

O Pai-Nosso é a prece de Deus em nós. Dizer o Pai-Nosso é uma maneira de harmonizar nosso desejo, ainda disperso e superficial, com o desejo de Deus em nós; é entrar em sintonia com Vontade do Pai. A oração nasce espontânea no coração de quem busca o Senhor, mas também é uma arte de diálogo com o Absoluto, que se aprende lentamente: "A oração é a arte de amar" (S. Teresa de Jesus). A vida transforma-se numa atitude de oração, onde tudo nos une ao Senhor e tudo vem dela como força e vida.

Com o Pai-Nosso estamos diante do segredo de Jesus comunicado aos discípulos. Jesus ensina a orar, orando. Ele faz junto com os discípulos uma trajetória de oração; não só apontou o caminho, mas fez o caminho com eles. Conhecer sua oração é entrar no próprio movimento de seu desejo e, de certa maneira, participar de sua vida íntima e de seu espírito.

E o desejo que Ele expressa no Pai-Nosso nos revela um ser humano habitado por um "desejo infinito" que só o Infinito pode preencher. De fato, é preciso integrar em nós todas as dimensões do ser humano (corporal, psicológica, espiritual). O desejo se enraíza em nosso corpo, atravessa nossa memória, afeta nosso psiquismo e se abre à Transcendência. O Pai-Nosso expressa bem estas dimensões do desejo porque manifesta o desejo do alimento, o desejo de liberdade, o ser capaz de perdoar, o desejo de ser libertado do sofrimento, de não se deixar levar pela força do mal, o desejo de que reine em nós um outro espírito, que reine em nós outra coisa que não o nosso passado... Todos estes desejos se expressam e se enraízam na humanidade de Cristo.

É desta maneira que iremos nos aproximar do Pai-Nosso. Como ser humano que somos temos um desejo que habita o mais íntimo de nós mesmos. É o desejo do Todo Outro que se chama prece. "Minha prece é meu desejo, meu desejo é minha prece" (S. Agostinho). Orar é revelar que é possível ao ser humano desejar o impossível. O desejo expresso no Pai-Nosso é um desejo que nos habita e desse desejo participa toda a humanidade.

Sugestão de repertório para o 17º Domingo do Tempo Comum:

Abertura: Acolhe os oprimidos (CD Liturgia VI, faixa 24)

Salmo responsorial: Naquele dia em que gritei (CD Liturgia XI, faixa 21)

Aclamação: Aleluia, aleluia. Peçam, que será dado, busquem e encontrarão (CD Liturgia XI, faixa 19)

Apresentação das oferendas: A mesa santa que preparamos (CD Liturgia VI, faixa 23)

Comunhão: Ó Senhor, quem te pede, recebe (CD Liturgia XI, faixa 23)

CANTOS PARA CONCLUSÃO DA LEITURA ORANTE:

1. Salmo 23

**Vós sois meu pastor, ó Senhor,
nada me faltará, se me conduzis.**

1. Em verdes pastagens me leva a repousar.
Em fontes bem tranquilas, as forças recobrar.
2. Por justos caminhos, meu Deus vem me guiar.
De todos os perigos, meu Deus, vem me livrar!
3. Meu Deus junto a mim, o mal não temerei,
seguro em seu cajado, tranquilo eu estarei.
4. Me preparais a mesa, perante o opressor,
me perfumais a fronte, minha taça transbordou.
5. Felicidade e amor, sem fim, me seguirão,
um dia em vossa casa, meus dias passarão.

3. O que vale é o amor

**Se é pra ir a luta, eu vou! Se é pra tá
presente, eu tô! Pois na vida da gente o
que vale é o amor**

- É que a gente junto vai
Reacender estrelas vai
Replantar nosso sonho em cada coração
Enquanto não chegar o dia
Enquanto persiste a agonia
A gente ensaia o baião
Lauê, lauê, lauê, lauê

- É que a gente junto vai
Reabrindo caminhos vai
Alargando a avenida pra festa geral
Enquanto não chega a vitória
A gente refaz a história
Pro que há de ser afinal
Lauê, lauê, lauê, lauê

- É que a gente junto vai
Vai pra rua de novo, vai
Levantar a bandeira do sonho maior
Enquanto eles mandam, não importa
A gente vai abrindo a porta
Quem vai rir depois, ri melhor
Lauê, lauê, lauê, lauê

- Esse amor tão bonito vai
Vai gerar nova vida, vai
Cicatrizas feridas, fecundar a paz
Enquanto governa a maldade
A gente canta a liberdade
O amor não se rende jamais
Lauê, lauê, lauê, lauê

A produção desse material teve a colaboração da **CELEBRA**
Rede de Animação Litúrgica - Núcleo Iguatu/CE

